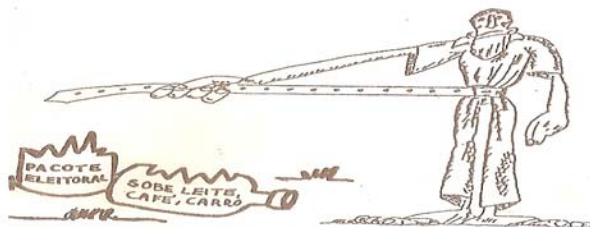


Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas  
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00  
(um real) para o custeio da publicação do jornal.

**A crise estrutural do  
capitalismo  
e a  
burocracia sindical**



01

**Moisey Mikhaylovich Pistrak (1888 – 1940)  
A escola do trabalho e o Ensino Oficial de nossos dias**

06

**A crise do sistema capitalista como crise estrutural do sistema**

15

**A Sociologia da Ação e a Ideologia Dominante**

17

**Associação Oeste – Um Balanço Anual das Atividades**

19

**Declaração pelo Tribunal Moral em defesa da militância revolucionária**

21

Participem de nossas atividades,

Plenária sobre o livro Defesa do Marxismo de L. Trotsky.

**Dia: 31 de janeiro de 2009**

→ Plenária sobre Vygotsky (Educação)

(Obra: A formação social da mente). Também iremos aprofundar o estudo dos complexos (Método dos Complexos, levantados por Pistrak)

**Dia: 15 de fevereiro de 2009**

→ PRÉ-CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DOS TROTSKISTAS PRINCIPISTAS E ORGANIZAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS – Contate com os distribuidores de O Proletário.

**Dias 21 e 22 de fevereiro de 2009**

→ Plenária sobre o livro TÉCNICA, ESPAÇO E TEMPO, de Milton Santos

**Dia: 15 de março de 2009, das 9h às 17h.**

**Contatos:**

**Jornal o Proletário**

**Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo**

## **A crise estrutural do capitalismo e a burocracia sindical**

A atual fase da crise capitalista – crise econômica e financeira mundial – demonstra mais uma vez na história da acumulação de riquezas que este sistema, na sua fase imperialista, não consegue mais conter seus próprios anseios.

A grande imprensa burguesa coloca para a grande massa de trabalhadores em escala internacional que esta crise, que começou com a crise imobiliária nos Estados Unidos e evoluiu para o sistema bancário (financeiro), com reflexos evidentes no setor produtivo mundial, é somente um problema momentâneo de comportamento do sistema financeiro.

O grande problema é que se trata de uma crise estrutural do sistema capitalista que se agrava dia a dia. É que as relações capitalistas são internacionais, e quando surge um problema de natureza especulativa no sistema financeiro/bancário, financiadores de produtos de bens de consumo, maquinário, construções etc., a curto prazo, esse disparate capitalista atinge as economias de todos os países oprimidos e opressores, outra questão é a de que, especificamente quem paga pela crise estrutural do sistema é sempre os trabalhadores.

Aliás, já está acontecendo recessão em todo o mundo capitalista. Segundo eles mesmos, o produto interno bruto de todos os países tem tendência a cair, o que significará desemprego, em virtude da quebra do sistema bancário, na indústria e comércio por conta da retenção nas linhas de crédito e de consumo e, o pior de tudo, o rebaixamento de salários combinado com o aumento do custo de vida e aumento dos impostos.

Veja como começou a crise imobiliária nos Estados Unidos:

- Imóveis valorizados → com juros altos e créditos fartos, os preços dos imóveis nos EUA foram supervalorizados, fazendo com que mutuários refinanciassem suas hipotecas, criando uma situação contratual entre banco e os trabalhadores (consumidores) impossível de ser honrada. Em posse destes contratos uma ciranda se formava envolvendo vasto setores do sistema financeiro, com a inadimplência geral, o sistema não poderia agir de outra maneira que a quebra.
- Títulos lastreados → para captar dinheiro, os bancos criaram instrumentos financeiros complexos chamados títulos lastreados em hipotecas (uma espécie de nota promissória garantida pelas hipotecas) e venderam para investidores que também investiram seus próprios títulos lastreados nesses, passando-os para frente, espalhando estes títulos fictícios por todo o sistema bancário;
- Perda dos bancos → além dos prejuízos com a inadimplência, os bancos com maiores problemas se viram à beira da falência e precisaram da ajuda do governo americano;

O grande problema envolvendo a crise imobiliária dos EUA e o porquê do agravamento desta crise?

O drama da sociedade é que as operações fictícias do setor imobiliário americano refletem a tendência geral da economia capitalista no atual estágio de crise estrutural do sistema. É que as epidemias de crises de superprodução do sistema relatadas no manifesto comunistas de Marx e Engels de 1848, com a fusão do capital industrial e bancário, resultando na formação do capital financeiro, acabaram criando condições fictícias de resolução momentânea para os apetites capitalistas e do enfrentamento do fenômeno intrínseco ao modo de produção capitalista que é a tendência de queda da taxa de lucro. Como as epidemias de crise de superprodução se agravam constantemente pelo desenvolvimento técnico da maquinaria, que por sua vez: aumenta o desemprego e o achatamento salarial. Os capitalistas

como forma de manter e ampliar as taxas de lucros passaram a negociar e a construir riqueza por fora do processo produtivo. Passaram acumular em cima do já produzido, ou seja: passaram a acumular na especulação financeira, nas bolsas de valores, e no sistema financeiro fictício. Eis as razões que fizeram estourar a crise mundial de forma mais violenta que em 1914 e em 1929 e os anos que se seguiram. Como dizia Marx, cada vez mais os capitalistas se tornam incapazes de controlar o sistema que eles mesmos criaram, ou seja: como se os feiticeiros não conseguissem controlar seus feitiços.

A promessa de lucros altíssimos atraiu gestores de fundos e bancos, que compraram os chamados “*subprime*” (categoria de clientes de baixa renda e com dificuldades de comprovação – risco maior de inadimplência); se a ponta do tomador não consegue pagar sua dívida inicial, inicia-se um ciclo de não-recebimento por parte dos compradores de títulos. Daí a origem da crise financeira mundial associada à principal crise estrutural do capitalismo – a crise de superprodução.

### **Os salvadores da crise especulativa e de superprodução**

As montadoras de veículos estão com seus pátios superlotados e, para desovar sua superprodução, dão “incentivos” aos poucos consumidores que ainda detêm certo poder aquisitivo, mas a grande maioria dos trabalhadores não tem acesso a esses produtos (carros) e a tantos outros que a grande indústria produz. Eis a grande enganação e tentação para aumentar as vendas: dispensam a entrada, com planos de até 80 meses de financiamento, com o alto custo de vida, muitos destes compradores são obrigadas a devolver “seus” carros, arcando com o prejuízo do que já pagaram. Mesmo assim, as montadoras continuam com problemas, pois há retração de consumo desse produto, assim como da maioria dos produtos de bens duráveis em geral, ou seja, há desconfiança por causa da crise que pode se alongar (e vai se alongar), com salários baixíssimos, medo de endividamento e também pelo fato do custo de vida não parar de crescer.

Mas, há outros produtos do tipo eletroeletrônicos (celulares, mp3 e similares) que fazem parte da cadeia dos chamados descartáveis, cujo consumo está a todo vapor, destinados principalmente aos jovens, o que tem contribuído para a alienação ideológica capitalista, influenciando em larga escala o desinteresse inclusive aos estudos.

O setor da construção civil se encontra superaquecido (pelo menos é o que se diz na mídia), mas já tem indícios de retração. O comércio em geral também já sofre com a crise. O crédito nos bancos é afetado visivelmente.

O governo Lula, através da Caixa Econômica Federal vai liberar R\$ 2 bilhões de reais para as pessoas físicas comprarem produção acumulada nas lojas (eletrodomésticos, eletrônicos, móveis, Tvs, vídeo e materiais de construção), no valor de até R\$ 10 mil reais em até 24 prestações. Com isso, o governo aquece um pouco o setor do comércio e da construção civil, em curto prazo.

No setor automotivo, a ajuda veio através do Banco do Brasil e foi da ordem de 4 bilhões de reais, e também vai oferecer financiamento a bancos e montadoras. Nessa mesma lógica, segue o governo Serra, que retira 4 bilhões de reais do Banco Nossa Caixa para ajudar as financeiras e bancos ligadas às montadoras de veículos em todo o país. Em tempo, o banco Nossa Caixa já foi vendido ao Banco do Brasil pela quantia de 5,3 bilhões de reais. Uma negociata entre governo estadual e federal para livrar uma instituição bancária estatal regional em situação difícil criada pelos 14 anos de governo do PSDB.

Ainda em função da crise financeira, o Congresso Nacional, a pedido do governo Lula, aprova medida provisória autorizando o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal a comprarem bancos pequenos, o que significa na prática, retirar dinheiro do contribuinte para salvar os capitalistas que caem sobre suas próprias armadilhas. A compra da Nossa Caixa pelo Banco do Brasil se explica em virtude fusão entre Itaú e Unibanco (oficialmente), quando na verdade, a raiz de tais transações, é a crise que bate às portas do sistema financeiro brasileiro.

O acordo entre BB e Nossa Caixa já aponta para o fechamento de 30 agências da Nossa Caixa, agravando o desemprego no setor.

De alguma forma, esses gerentes do capital terão de tirar os custos dessa negociata e da recuperação da Nossa Caixa do lombo dos trabalhadores.

### **O ônus da crise**

Os capitalistas sempre encontram formas de enfrentar a tendência na queda da taxa de lucro, recorrendo ao capital especulativo, ao poder estatal, às guerras (para destruir forças produtivas); já os trabalhadores ficam mais pobres, com salários sem reajuste há anos, consumindo menos, pagando mais impostos, vendo seus direitos caçados pelos capachos do imperialismo, como Lula/PT e Serra/PSDB. Se vêem literalmente submetidos à mais cruel barbárie capitalista, com o aumento da violência, da fome e etc.

É só ver pra crer: o Brasil é o país com o terceiro maior índice de mortalidade infantil na América do Sul (divulgação da Unfpa – da ONU); a estimativa para este ano é que, em cada grupo de mil crianças nascidas vivas no país, 23 morram antes de completar um ano de idade; o índice da Bolívia é de 45 mortes e o do Paraguai é de 32 mortes; o Chile registra a menor taxa (07 mortes por grupo de mil); Argentina com 13 óbitos e a Venezuela com 17 óbitos. Ainda com relação ao Brasil: na faixa etária de até 5 anos, a expectativa de mortalidade em decorrência das chamadas doenças da infância é de 32 meninos e 24 meninas em cada grupo de mil crianças nascidas vivas. Nesse ranking, a Bolívia ocupa a primeira posição com taxas de 64 meninos e 55 meninas; em segundo vem o Paraguai com 43 e 32, respectivamente (Paula Laboissière – Agência Brasil). Isso é apenas um exemplo das catástrofes capitalistas, com tendências objetivas ao aprofundamento; aí estão dados os fatores objetivos da necessidade histórica da revolução proletária.

Os capitalistas nunca resolveram sequer um problema da classe trabalhadora; pelo contrário, jogam todo o fardo das crises em seus ombros. Somente a classe trabalhadora resolverá seus próprios problemas, apesar disso estar longe de acontecer, pois a sua principal arma – o partido revolucionário marxista-leninista (de quadros) está apenas na mente de alguns poucos militantes lutadores e, além disso, por conta de muita traição e revisionismo praticados em nome desses legados históricos da classe operária a situação se agrava ainda mais. Mas, apesar de tudo, o grandioso problema da revolução social está para ser resolvido: a construção do partido mundial da revolução e a instalação da ditadura do proletariado (Socialismo) como transição ao fim das classes sociais e ao Comunismo se faz como objetivos históricos do proletariado revolucionário.

### **A crise na APEOESP**

A situação e a política levada a cabo pela direção do maior sindicato da América se equivalem ao nível e a violência e precariedade da Educação Oficial no Estado de São Paulo.

Uma se torna resultado e contraditório da outra. Essa situação não se encontra apenas na Apeoesp, é notória em todos os organismos da classe proletária do planeta.

Se a conjuntura do capitalismo aponta para o aprofundamento e miséria das condições de vida dos trabalhadores em escala mundial, essa tendência se deu com maior nitidez a partir da chamada política neoliberal. O estado burguês vem, a medida que a crise estrutural do capitalismo avança, estatizando e atrelando cada vez mais os organismos sindicais e operários. Daí advém a atuação “fragilizada” da direção da Apeoesp, mas essa atuação “fragilizada” não é apenas da ala petista, ela é também do segmento que se diz de Oposição e, neste caso, a razão deste entrelaçamento entre Estado e política sindical é a ausência de uma política independente que reflita as tendências do proletariado moderno em destruir o regime da propriedade privada dos meios de produção. Esta tendência não se manifesta no corporativismo e nos setores pequenos burgueses de conjunto, mas se faz presente no proletariado fabril e na massa de famintos e miseráveis colocados em processo de organização unificada, nas tomadas de decisões coletivas. Através das Assembléias massivas dos trabalhadores, na soberania destas, na democracia operária e na luta direta por salários, condições de trabalho, jornada e em defesa da educação pública, laica e científica para todos os ânimos dos professores e dos trabalhadores em geral eram outro. Desta forma a direção do maior sindicato da América como parte do burocratismo sindical e da política reformista acaba sendo uma ferramenta nas mãos da burguesia, na manutenção da situação, da continuidade da exploração de classe e por fim, na implementação da barbarização da sociedade.

Em meio às negociações entre governo federal e estadual (venda do Banco Nossa Caixa) e as medidas envolvendo reformas cruéis no sistema de ensino público (plano de “Carreira”, reforma curricular, etc) já há algum tempo em andamento, não teria mesmo como essa direção governista enfrentar o governador Serra. Para tanto, e sem muita explicação, foi necessário enfraquecer a greve havida em junho/julho 2008 para logo decretar seu fim. Paralelamente, ocorreram os episódios: liberação da paulista e envio da pauta de reivindicações dos professores para o TRT (substituição da luta política/direta pela luta jurídica).

Conseqüência: os professores ACTs estão desesperados porque serão obrigados a fazer a tal da prova para o processo de atribuição de aulas em 2009. Já os professores de conjunto, amargam uma desmoralização e más condições salariais e de trabalho que nunca se presenciou na história. Uma série de enfermidades acaba por se transformar em tormento dos professores e seus familiares. De outro lado os estudantes sem nenhuma condição de aprendizado acabam se revoltando contra os professores, uma verdadeira barbárie.

### **Os ataques continuam**

Antes, durante e depois da greve a política de destruição do sistema de ensino público pelo governo paulista continua sem nenhum tipo de enfrentamento pelo nosso sindicato. Em se tratando de currículo, neste ano de 2008 o governo tirou aulas de filosofia, arte e geografia, para colocar em seu lugar aulas de apoio curricular de português e matemática; já para o próximo ano, está prevista uma redução de 20% do currículo do Ensino Médio, sendo que parte dele se transformará em ensino a distância e a outra parte para ensino profissionalizante.

Em todos esses momentos a direção do sindicato não se preocupou com o que vem ocorrendo com o ensino público e, do ponto de vista da nossa análise, não se preocupará jamais.

Vejamos quais são as preocupações da Apeoesp hoje? Correm atrás do prejuízo, tentando preparar os professores para as provas, reforçando o miserável currículo (toyotista),

desagregador dos professores e da educação; de cunho fascista contra os direitos e em referencia a luta e a organização independente; de destruição do Ensino científico e de qualidade; tentam disfarçar e levar a luta para a questão do gênero, fugindo cada vez mais da luta de classe; fazem coro na defesa do miserável Piso Salarial Nacional dos trabalhadores em educação; defendem com isto o governo Lula e suas reformas em contraposição eleitoral a Serra, não de sua política, pois, ambos aprofundam a miséria, o fim do ensino público e defendem o sistema capitalista.

Em resumo, na prática, para eles, não devemos lutar por formação política para que os professores se contraponham ao Estado burguês e suas medidas, para derrotar este currículo fascista e destruidor do ensino científico, pelo salário mínimo vital, pela defesa da escola e do ensino público, como também pela auto-organização de professores, funcionários, pais e alunos nas escolas e respectivas comunidades. Nada de união com o movimento operário e popular que nada mais representa que a criação de organismos de base, para enfrentamento da crise econômica, da destruição do ensino público, por salários e condições de trabalho e como consequência, a construção da dualidade de poder.

Como forma de manter-se no aparelho do Sindicato e de espalhar a culpabilidade nos professores realiza assembléias burocratizadas constantemente sem nenhum fundamento no sentido de armar a categoria e os trabalhadores em geral para a defesa dos interesses dos mesmos.

Somos a favor das assembléias com poder de decisão e nos marcos da democracia operária, principalmente sob uma intensa mobilização e organização da base.

Somos totalmente contra as assembléias que, no curso dos ataques aos nossos direitos, não decidem por nada; isso tem levado ao desgaste da categoria e, portanto, ao afastamento de parte da categoria de seu próprio organismo e dos fóruns de decisão.

Na fase em que se encontra o sindicalismo, somente os quadros revolucionários terão condições de mudar esta situação. Transformar os sindicatos em escolas para o estudo do marxismo revolucionário, em escolas de comunismo e na organização dos oprimidos para potenciar a luta pelas reivindicações transitórias. Pela destruição deste regime infame que destrói inclusive, o Ensino Público, remetendo este as necessidades do capital e a reestruturação produtiva visando melhorar as taxas de lucro. Transforma os seres em mercadorias e ainda joga uns contra outros, enganam a todos em nome da modernidade e da tecnologia, quando o que realmente se reveste de conteúdo é o respirar do capitalismo decadente.

## **Anotações do Livro de Moisey Mikhaylovich Pistrak (1888 – 1940), Fundamentos da Escola do Trabalho – Expressão Popular, 2002.**

Pistrak atuou juntamente com Nadezhda Krupskaya, companheira de Vladimir Lênin

A referida obra foi escrita em 1924, em meio aos desafios da Revolução Socialista que estava em curso na União Soviética.

### **Um fichamento inicial da Obra:**

#### **Teoria e prática**

Em reuniões que tive nos últimos anos com muitos companheiros em congressos, conferências, cursos, debates, etc., sempre observei um mesmo fenômeno: o professor primário procura avidamente respostas detalhadas a uma porção de questões práticas, metodológicas, didáticas e outras: “Como agir neste caso?”, “Como aplicar esta ou aquela parte do programa?:”, “Como organizar na escola este ou aquele trabalho?”, etc. (p. 23)

Em princípio, entretanto, não são hostis em relação à teoria: a indiferença da massa dos professores em relação à nossa pedagogia teórica é simples consequência do fato de que esta copia ainda as antigas teorias pedagógicas que nos foram transmitidas pelos pedagogos reformistas pequeno-burgueses, da Escola progressista da Alemanha ou da América. (p. 21-22)

Por outro lado, a maioria dos professores considera a teoria como uma criação autônoma da psicologia, da pedologia e da pedagogia experimental, como um sistema independente objetivando seu próprio desenvolvimento sem relações com a prática. (p. 22).

“Nosso trabalho no domínio escolar consiste em derrubar a burguesia, e declararmos abertamente que a escola fora da vida, fora da política, é uma mentira e uma hipocrisia”, assim falava Lênin no I Congresso do Ensino(25-8-1919) (p. 22)

“Em todos os estados burgueses, são muito íntimas as relações entre o aparelho político e o ensino, embora a sociedade burguesa não possa reconhecê-lo (sublinhado pelo autor); entretanto, esta sociedade educa as massas através da Igreja e por intermédio de todas as organizações que se baseiam na propriedade privada”. (p. 23).

Sem teoria pedagógica revolucionária, não poderá haver prática pedagógica revolucionária.

Constatamos então, que apenas a teoria nos dá o critério indispensável para optar e justificar tudo o que fazemos na escola. O educador que não dispõe deste critério não poderá trabalhar de forma útil na escola: ele se perderá sem encontrar o caminho, sem saber o objetivo a ser atingido. (p. 24).

O objetivo fundamental da reeducação,ou simplesmente, da educação, do professor não é absolutamente fornecer-lhe um conjunto de indicações práticas, mas arma-lo de modo que

ele próprio seja capaz de criar um bom método, baseando-se numa teoria sólida de pedagogia social; o objetivo é empurrá-lo no caminho desta criação. P. 25).

Este método não é natural pelo simples fato de que nossa escola é viva, e não acadêmica ou escolástica? Não podemos aplicar as mesmas regras a todas as condições escolares: seria um comportamento contrário à própria essência da nossa escola. Mas, se isto é verdade, é evidente que um bom método para uma escola séria, talvez, mau para uma outra: é preciso, portanto, desenvolver no professor, a todo custo, a aptidão para a criatividade pedagógica; senão, será impossível criar a nova escola. P. 25).

Na maioria dos casos, segundo alguns autores, os pedagogos não são criativos, mas artesãos. Não se pode exigir deles uma invenção criadora. Mas esta opinião parece-nos inexata. Todo homem é mais ou menos criativo, e é certo que, numa coletividade, somos todos criativos. É claro que um professor isolado, abandonado a si mesmo, não encontrará sempre a solução indispensável ao problema que enfrenta; mas se se trata de um trabalho coletivo, da análise do trabalho de uma escola, o esforço não deixará de ser trabalho criador, e isto já foi provado pela experiência das reuniões regionais de professores primários (p. 26)

É preciso que cada educador se torne um militante social ativo; trata-se de uma obrigação não só do professor de 1º grau (já convencido desta necessidade), não só do professor responsável pelo curso de sociologia na escola de 2º grau (isto é óbvio), mas também de qualquer especialista: matemático, físico, químico ou naturalista (p. 26)

“Mas onde está, então, esta teoria comunista da educação?”, perguntará o leitor. “O seu livro não formula uma que seja sólida, rigorosa e clara”. Nosso objetivo não é formular esta teoria: só agora é que ela começa a surgir para nós, no contexto da nossa prática escolar guiada pelo marxismo. Ainda não está escrita e apenas começa a se fazer sentir. Este livro não pretende formular uma exposição a respeito – trata-se apenas do resultado da prática pedagógica e da perspectiva de divulgar uma experiência determinada (p. 27)

### **A escola do trabalho na fase de transição**

O que é a escola do trabalho?

O que deve ser atualmente, durante a fase revolucionária da ditadura do proletariado cercada pela ditadura imperialista? (p. 29)

A escola sempre foi uma arma nas mãos das classes dirigentes. Mas estas não tinham nenhum interesse em revelar o caráter de classe da escola: as classes dirigentes não passavam de uma minoria, uma pequena minoria, subordinando a maioria a seus interesses, e é por isso que se esforçavam para mascarar a natureza de classe da escola, evitando colaborar na destruição de sua própria dominação. (p. 30).

Desenvolver a educação das massas, condição da consolidação das conquistas e das realizações revolucionárias, significa fazê-las compreender seus interesses de classe, as



questões vitais e urgentes que derivam da luta de classes, significa dar-lhes uma consciência mais clara e mais exata dos objetivos sociais da classe vitoriosa. (p. 30).

Certas concepções, certa terminologia, certas formas exteriores e secundárias podem transmitir-se da antiga para a nova escola; mas o objeto da educação, sua organização, seus objetivos devem ser novos; as idéias e os métodos relativos ao trabalho, à autodireção, que a nova escola herda da pedagogia burguesa, devem ser esclarecidos, comentados e interpretados sob uma nova luz que se enraíza nos novos objetivos da educação, que, por sua vez, dependem inteiramente dos problemas e dos objetivos da construção revolucionária considerada em seu conjunto. (p. 31)

A essência destes objetivos é a formação de um homem que se considere como membro da coletividade internacional constituída pela classe operária em luta contra o regime agonizante e por uma vida nova, por um novo regime social em que as classes sociais não existam mais. (p. 31)

Portanto, na base da escola do trabalho da atual fase devem encontrar-se os seguintes princípios:

1. Relações com a realidade atual;
2. Auto-organização dos alunos.

Em resumo, a realidade atual é o imperialismo em sua última fase e o poder soviético considerado enquanto ruptura da frente imperialista, enquanto brecha na fortaleza do capitalismo mundial (definição de *Schulguine*) (p. 32)

Os dois fenômenos devem ser estudados como constituído os dois pólos da realidade atual; mas esta deve ser ainda compreendida sob a forma de uma luta em torno da brecha, uma luta cada vez mais ampla, cada vez mais profunda e cada vez mais áspera até a vitória da Revolução. Tudo o mais só pode ser qualificado como resquício no seio da realidade atual. São as ruínas do passado no presente. O telégrafo sem fio e a cooperação, a eletrificação e a Internacional Comunista, as comunicações aéreas Moscou-China, os acontecimentos na China, tudo isto é a realidade atual. A religião, o trabalho rural baseado no arado manual, a rotação trienal, significam as ruínas do passado. (p. 32)

O objetivo fundamental da escola é, portanto, estudar a realidade atual, penetrá-la, viver nela. Isto não quer dizer, certamente, que a escola não deva estudar as ruínas do passado: não, deve estudá-las e assim será feito, mas com a compreensão de que são apenas ruínas do passado e de que seu estudo deve ser iluminado à luz da realidade atual no sentido já indicado acima, à luz da luta travada contra o passado e da transformação da vida que deve levar à sua liquidação. (p. 32)

A pesquisa dos métodos de ensino unificados, a questão da concentração do ensino, apaixonaram os pedagogos nos últimos anos. É um sinal dos tempos. Mas é preciso que as pesquisas tenham uma base teórica; é preciso saber claramente por que realizam, quais são os objetivos do ensino unificado, por que ele é necessário. Respondemos que é necessário para

educar os combatentes a serviço dos ideais da classe operária, dos construtores da nova sociedade (p. 35)

Claro, é evidente que a escola não poderá ensinar uma completa e sólida concepção do marxismo científico e filosófico, não podendo também transformar num sistema completo e sólido as idéias materialistas acumuladas pelos alunos através de suas experiências e hábitos cotidianos, mas, se a própria escola do 2º grau não é capaz de chegar a este resultado, pode e deve ao menos educar os alunos no espírito marxista, com o objetivo de lhes dar o sentido marxista, a “intuição” marxista indispensável para analisar e estudar todos os fenômenos sociais (p. 38)

O trabalho na escola, enquanto base da educação, deve estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta socialmente útil, sem o que perderia seu valor essencial, seu aspecto social, reduzindo-se, de um lado, à aquisição de algumas normas técnicas, e, de outro a procedimentos metodológicos capazes de ilustrar este ou aquele detalhe de um curso sistemático. Assim, o trabalho se tornaria anêmico, perderia sua base ideológica (p. 38)

### **Alguns comentários à Obra:**

As formas de intelecto infantil são simplesmente formas assumidas externamente, resultam das relações sociais exteriores estabelecidas pelos homens.

Está colocado a auto-organização (auto-direção) das crianças como constitutivo de nossa realidade atual.

A pedagogia burguesa com a falácia das particularidades psicológicas das crianças na verdade na prática apenas se adaptava às exigências do regime da propriedade privada.

Nesta tarefa se colocam 3 qualidades:

- 1) aptidão para trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo;
- 2) aptidão para analisar cada problema novo como organizador;
- 3) aptidão para criar as formas eficazes de organização.

As correntes pedagógicas que se constituíram os primeiros anos pós-revolução:

1º) Uma mistura da pedagogia burguesa clássica com o reformismo, com a introdução do trabalho manual (produtivo). Mantinham-se as disciplinas procurando ajustar o trabalho aos vários aspectos das disciplinas, introduzindo a questão do trabalho e ciência;

2º) A segunda corrente se ajustava os programas de ensino aos ofícios e ao trabalho manual;

3º) Qualquer trabalho é base de ensino;

4º) O fracasso destas 3 correntes permitiu o iniciar da construção da 4 corrente que trabalhamos.

Em termos gerais, as 3 primeiras correntes consideravam o trabalho de forma abstrata e manual, deslocado da vida real.

O Trabalho é um elemento integrante da relação da escola com a realidade atual, e neste nível há fusão completa entre ensino e educação. Não se trata de estabelecer uma relação mecânica entre o trabalho e a ciência, mas de torná-los duas partes orgânicas da vida escolar, isto é, da vida social das crianças... Não se trata de estudar qualquer tipo de trabalho humano, qualquer tipo de dispêndio de energias musculares e nervosas, mas de estudar apenas o trabalho socialmente útil, que determina as relações sociais dos seres humanos. (PISTRAK, 2002, p. 50).

Ao contrario do ensino oficial de nossos dias que transforma o ensino no aprender ler e escrever (com estas metas esvaziadas e que na realidade nem isto se alcança), nas competências e nas habilidades. Pistrak nos propõem, mesmo em relação ao trabalho domestico úteis do alcance das crianças o desenvolvimento do pensar científico do porque do referido trabalho, quais as implicações na vida, na preservação da natureza, da saúde, relacional com seus colegas. No trabalho coletivo socialmente útil se desenvolverá a solidariedade, e ai sim a não exclusão.

È preciso que cada cidadão considere a escola como um centro cultural capaz de participar nesta ou naquela atividade social; a escola de conquistar o direito de controle social neste ou naquele campo, o direito e o dever de dizer sua palavra em relação a este ou aquele acontecimento, e o dever de modificar a vida numa direção determinada. (PISTRAK, 2002, p. 58).

O papel das oficinas na produção de produtos de consumo geral, que fazem parte da vida diária das crianças do primeiro grau se torna de suma importância. Já para o segundo grau o aprendizado deve mesmo se integrar na Indústria moderna, sempre na produção útil que faz parte da vida dos estudantes. Aproximar as crianças das engrenagens, dos cálculos e das operações matemáticas, da química, física no trabalho real. Desenvolver a questão da divisão do trabalho, do desenvolvimento científico e do aperfeiçoamento, modernização do trabalho, o valor do trabalho e a correspondente diferenciação com o preço, a administração, a contabilidade, o iniciar da economia, o controle dos estoques e da produção, um aprender que não se referencia como abstrato, mais sim, teórico e prático.

Se não dispusermos de uma juventude ativa, curiosa, e totalmente apta para a criação técnica, uma juventude capaz de construir o novo mundo mais rapidamente e melhor que nós, será impossível transformar o conjunto de nossa economia, para que supere, no correr dos próximos anos, o progresso técnico da Europa ocidental e da América. (PISTRAK, 2002, p. 62).

As escolas agrícolas politécnicas de formação básica, um caminhar para a união campo cidade, uma escola voltada para a vida, desenvolvimento do trabalho para a vida e não para o lucro, para potenciar a produção camponesa, o desenvolvimento técnico, noções de escoamento da produção. Desenvolver as questões físicas, dos solos, a formação e a fertilidade destes, o Trabalho como um problema pedagógico, sem, no entanto desprezar as questões administrativas e com o cuidado de não tornar este aprendizado por meio do trabalho exaustivo e cansativo.

É assim que se deve imaginar a exploração e o trabalho racionais da área escolar: a escola deve preparar os organizadores da sociedade de amanhã. Este ângulo de análise permitirá, de um lado, transmitir ao trabalho das crianças o caráter social que lhe é dispensável e, de outro lado, sintetizar os aspectos econômicos e pedagógicos deste trabalho. (PISTRAK, 2002, p. 74).

O aferidor do acerto do trabalho cultural e da qualidade da escola é a recepção e estima da população. “se a população estima, ama sua escola, sua instituição infantil, é porque a instituição está à altura de sua tarefa social”. (p.74)

A atitude da escola em relação à fábrica deriva desta forma de analisar a própria fábrica: a escola não estudará apenas a fábrica; consideramos que o trabalho principal da escola é tornar compreensíveis ao aluno todos os nós e todos os fios que se ligam a fábrica. Os estudos o levarão a esta ou àquela questão científica ou, mais exatamente, a toda uma série de questões científicas e práticas para as quais a escola deverá lhe fornecer respostas através da formação básica e da educação... É assim que se cria a síntese tão procurada entre o trabalho e a ciência. Ela não é obtida de uma forma direta, mas graças à educação no trabalho. (PISTRAK, 2002, p. 79).

A escola de formação básica de 1ª a 4ª série e a escola de 7 anos, após esta inicia-se a escola da fábrica propriamente dita, no entanto muito ainda esta para ser construído, a construção se faz na coletividade.

Assim temos:

1. A escola deve dar aos alunos uma formação básica social e técnica suficiente para permitir uma boa orientação prática na vida.
2. Ela deve assumir antes de tudo um caráter prático a fim de facilitar ao aluno a transição entre a escola e a realidade integral da existência, a fim de capacitá-lo a compreender seu meio e a se dirigir autonomamente.
3. Ela deve acostumá-lo a analisar e a explicar seu trabalho de forma científica, ensinando-lhe a se elevar do problema prático à concepção geral teórica, a demonstrar iniciativa na busca de soluções.

No meado do 2º ano segundo grau o aluno deve iniciar um projeto sobre determinado tema, uma espécie de TCC ou Monografia em que desenvolvera a metodologia de pesquisa e direcionará para suas aptidões específicas.

A organização científica do trabalho que nasceu e se desenvolveu na América e na Europa ocidental com a finalidade de intensificar a produção, reforçando a exploração do operário e aumentando os lucros do capitalismo, pode e deve propor-se entre nós como um objetivo inteiramente oposto: tornando-se, entre nós, o meio mais eficaz de aumentar a produção, de utilizar racionalmente a energia do trabalho, de reformar metodicamente e economicamente a administração, a organização científica do trabalho (que é atualmente um meio de exploração) se metamorfoseia em meio de libertação. (PISTRAK, 2002, p. 97).

Na citação acima podemos afirmar que: do iniciar da educação oficial voltada para atender os objetivos do modo de produção, no caso da propriedade privada dos meios de produção burguesa, da exploração do trabalho e em aumentar as taxas de lucro, da mais-valia, comparece em nossos dias, como base material, na teorização de vários autores e teóricos da educação burguesa: o desenvolvimento técnico.

Na verdade por traz do falatório da modernidade e do desenvolvimento tecnológico comparece os ditames da reestruturação produtiva, da luta em que se trava capital e trabalho. Esta luta desigual em que cada dia mais o sangue dos trabalhadores se transformam em maiores taxas de lucro, arcando estes com as conseqüências da crise estrutural do sistema capitalista.

Os parâmetros curriculares de São Paulo e a própria LDB nos traz a educação voltada para as tecnologias em que esta determina simplesmente as competências principais do saber ler e do saber escrever como condição de desenvolvimento das habilidades que em si capacitariam para uma intervenção no mundo e assim, no mundo do trabalho de forma não exclusiva e autônoma.

Estes pressupostos teóricos nada mais fazem que atender as nuances da nova divisão internacional do trabalho e da conseqüente reestruturação produtiva direcionada ao Toyotismo. O saber ler e o saber escrever para os países oprimidos como o Brasil é de todo suficiente para a força de trabalho que não se exige grandes conhecimentos científicos e técnicos, pois, as operações nas fábricas modernas estão cada vez mais simples e mesmo assim, para um número cada vez mais reduzido de operários. O pensar a produção e o planejamento produtivo cabe aos estudantes dos países imperialistas, nem todo é claro, a barbarie também se faz presente por lá. O desenvolvimento tecnologico dos países oprimidos vem de fora e combina com o atraso da nação oprimida e ditado pelo desenvolvimento e estagnação do modo de produção capitalista. Já a questão das habilidades se adequam também a este modelo produtivo na questão da polivalência produtiva. As habilidades na verdade não são tão habilitosas, deve somente se adequar a barbarie capitalista que se desenvolve dia a dia e assim, o saber ler e o saber escrever basta para a maioria viver a vida na globalização e no meio técnico-científico-informacional.

Outro aspecto intrinseco as competencias principais do ler e escrever e as habilidades diz respeito a vulnerabilidade do processo tecnologico, ou seja: de fato não se pode dedicar gradioso dispendio de recursos para a formação dos trabalhadores nesta ou naquela área. As exigências pertencentes ao modo de produção capitalista, no tocante a queda tendencial da

taxa de lucro, impoem um renovar tecnologico permanente. Uma verdadeira guerra entre os imperialistas e as corporações. Hoje está colocado uma forma tecnologica de produção, uma forma de linha de montagem, um desenvolver técnico, amanhã pode ser trolalmente diferente, razão pela qual a força de trabalho no atual momento produtivo, exige somente o ler e o escrever. Estas competencias devem ligar-se as habilidades de modelamento do momento tecnologico do capital, volante e momentanea. Desta forma tem razão os teóricos formuladores dos parametros curriculares do Estado de São Paulo, a simples graduação universitária superior não é sinônimo de habilitação para ministrar aulas, a gestão deve administrar e ensinar, ser a ecelência em matéria de ensino/aprendizagem, pois esta segue os ditames diretamente do Estado, do modo de produção decadente e assim, na atualidade, do modelo que se denominou de Toyotismo, caso não se adequam são obrigados a deixarem seus postos de gerência a outros. Nesta gerência da educação para os ditames do capitalismo decadente, vale aos gestores privilegios e regalias a final de conta, serão o esteio do Estado na Educação Pública.

No capitalismo o desenvolvimento tecnológico visa uma maior exploração do trabalho e a escola oficial acaba por dar suporte a tais ambições do grande capital. Na escola do trabalho, da coletividade, o desenvolvimento científico e tecnológico, estará voltado para a comunidade, o trabalho para todos e o reparte da produção igualmente.

Pensamos que a introdução dos elementos da organização científica do trabalho em tudo o que diga respeito à organização da escola se desdobraria da seguinte forma. Todo trabalho realizado coletivamente pelas crianças: reunião aos sábados na escola, organização de uma festinha ou de uma reunião, excursão para um lugar longínquo, exercício de autonomia escolar, pode ser divididos em três partes: 1) um plano de trabalho previamente formulado, onde conste a divisão do trabalho no tempo e no espaço, a distribuição dos indivíduos e das tarefas; 2) a execução do trabalho, com participação imediata das crianças, a realização do plano previsto, e 3) o balanço do trabalho realizado, ou seja, as contratações referentes à execução do trabalho, a análise destes dados, sua classificação, enfim, a crítica e as conclusões cabíveis. (PISTRAK, 2002, p. 103).

Não há desenvolvimento da humanidade sem planejamento científico. A escola que se propõem um mero plano anárquico de planejamento escolar é exatamente a escola do capital e suas contradições.

É assim que o trabalho da criança precisa ser compreendido. Começando pelos casos mais simples, devemos aproximar as crianças gradualmente do problema mais complexo, que é a divisão do trabalho no seio da coletividade, devemos levá-los até a formulação de projetos de organização estimulando-os a apresentar, segundo uma análise direta dos fatos, o balanço prévio de todas as condições e de todas as circunstâncias necessárias. (PISTRAK, 2002, p. 103).

Desde cedo colocaremos e habituamos as crianças ao pensar a produção, pensar o trabalho, desenvolvendo assim a prática de normas de organização, desenvolver os gostos pelos problemas fundamentais da organização científica do trabalho.

Três são as conclusões essenciais que surgem na atitude em relação ao trabalho em educação: a primeira diz respeito à natureza da educação, a segunda trata da questão da cultura da escola do trabalho e a terceira estreita os laços entre a ciência e o trabalho.

A escola apresenta concretamente como forma de currículos e de pedagogia, o arcabouço intrínseco a ideologia da classe dominante, no capitalismo as imposições do capital. A Escola do trabalho ao contrário referencia o arcabouço teórico/prático do trabalho.

Os programas educativos abarcando toda a vida escolar, formando um feixe das diversas formas de atividades, ligada entre si pelos objetivos gerais da educação devem dar lugar aos planos de vida, um centro de vida infantil.

O método experimental ou de organização do programa de ensino segundo os complexos.

O estudo deve mostrar as relações recíprocas existentes entre os aspectos diferentes das coisas, esclarecendo-se a transformação de certos fenômenos em outros, ou seja, o estudo da realidade atual deve utilizar o método dialético. Apenas um conhecimento da realidade atual deste tipo é um conhecimento marxista. (PISTRAK, 2002, p. 134).

A organização do programa de ensino segundo os complexos parte da totalidade que está inserida a vida e da sociedade. Não se trata de meras disciplinas isoladas e especificamente dadas. Mas, sim de questões, objeto, tema do complexo que carrega em si uma totalidade, que dentro de um programa de desenvolvimento das partes vão dando a conhecer a totalidade. Um particular inter-relacionado ao todo em uma rede de particularidades que se complementam e se contraditam, uma organização do ensino segundo um sistema dos complexos.

Daí por que, acrescenta Krupskaja, é importante não somente que o sistema dos complexos exista em geral no ensino, mas que seja feita uma seleção determinada de complexos capazes de provar da forma mais evidente a relação de todos os fenômenos. (Krupskaja, s/d, apud, PISTRAK, 2002, p. 135).

Os critérios de seleção dos temas dos complexos devem partir do plano social e não da pedagogia. Pistrak nos dá um exemplo: "O homem" – o tema gera discussão e conhecimento da estrutura do corpo humano, da alimentação, o trabalho dos músculos e nervos, da proteção da saúde, do trabalho em relação a Sociedade, as revoluções.

As escolhas dos temas dos complexos têm que ser planejada em conformidade com as idades das crianças.

Certas disciplinas escolares podem escapar do quadro dos complexos sem prejuízo sensível, por exemplo: a música; cultura física; as línguas estrangeiras, em parte; em parte igualmente (mas nem sempre) certas disciplinas artísticas, etc. (PISTRAK, 2002, p. 147).

## A auto-organização dos alunos

Nas escolas burguesas esta organização se objetiva na ajuda aos professores, na manutenção da autoridade. No capitalismo esta organização se volta para a manutenção da ordem burguesa, das autoridades que se legitimam nos processos eleitorais e que acabam por representar concretamente a minoria exploradora. Na escola do trabalho a organização dos alunos assume um papel autônomo, coletivo e de organização do Estado, que a medida que se internacionaliza o poder dos Soviets acabando com a burguesia, este Estado, vai deixando sua função social para extinguir, deixando em seu lugar a auto organização dos trabalhadores livremente associados.

As assembléias dos estudantes devem assumir caráter deliberativo nas decisões da escola do trabalho, inclusive financeiramente e no trabalho pedagógico. O educador comparece nestes casos como um estimulador do trabalho, o mais experiente e mais velho. Esta forma de se relacionar com a escola vai educar as crianças da administração da sociedade como um todo.

No Conselho escolar, as crianças devem tomar parte no trabalho orgânico da administração escolar. Esta auto-organização dos alunos está relacionada com a questão dos complexos.

Chegamos assim ao problema da organização científica do trabalho na escola, imaginada em suas relações com a auto-organização. É inegável que a autonomia escolar apresenta um vasto campo para aplicação dos princípios da Organização Científica do Trabalho. (PISTRAK, 2002, p. 207).

**A crise do sistema capitalista mostra o funcionamento do regime que cada vez mais concentra capital nas mãos de poucos burgueses e aumenta a pobreza e miséria para os trabalhadores.**

A origem da miséria capitalista é a propriedade privada dos meios de produção, ou seja, as fabricas e as terras como sendo de burgueses. De outro lado os proletários (trabalhadores que não tem propriedade de meios de produção, de fabrica e terra) trabalham coletivamente em troca de baixos salários repassando pela exploração do trabalho a produção e monstruosas taxas de lucros aos proprietários, aos burgueses.

Esta é a raiz da crise econômica que está presente em nossos dias

Com a concentração de capital em poucas mãos e miséria para a maioria da população acaba gerando um fenômeno que se denominou superprodução, ou seja, quanto mais as



fabricas e as máquinas se modernizam, e se capacitam para produzirem, cada vez mais os trabalhadores, apesar de necessitarem da produção não podem adquiri-la.

As contradições desta forma de sociedade em que vivemos acabam por gerar ações entre os burgueses piorando ainda mais a situação.

Como forma de se safarem das concorrências e de uma tendência do próprio sistema de queda das taxas de lucros os burgueses uniram os Bancos com as Indústrias, produzindo um tal de capital financeiro.

Como o investimento na produção de mercadorias, nas fabricas, fica problemático com a crise de superprodução. Com a tendência de queda da taxa de lucro, os capitalistas através do capital financeiro, em que domina o capital bancário, acabaram por achar mais fácil ganharem muito dinheiro no capital especulativo, nas bolsas de valores e em negociatas fora da produção.

Tudo no capitalismo gira em torno do maior lucro, para os burgueses e para o capital financeiro, as vidas das pessoas não vale muita coisa.

Vejamos as medidas que estes capitalistas e seus governos adotam em relação ao acirramento das crises que sempre rondam o sistema: destruição das forças produtivas por meio da guerra que já acabou por propiciar dois grandes conflitos mundiais e ultimamente praticamente se transformou em guerra permanente, considerando a política dos países imperialistas tendo a frente os EUA.

Os trabalhadores vivem em uma constante crise, falta emprego, moradia, salário, saúde pública, educação pública, condições de criar os filhos, uma barbárie.

Os capitalistas lucram e lucram!

Nos últimos anos aqui no Brasil os Bancos e as Montadoras ganharam altas somas de dólares, cada ano duplicava seus lucros. Nunca os governantes e estes capitalistas saíram em socorro dos trabalhadores, pelo contrário, quando os trabalhadores saem em luta a burguesia através do Estado impõem a repressão armada em benefício dos patrões.

Agora com a crise financeira criada pelos capitalistas e, própria deste sistema, os governos saem rapidamente prontos a socorrer-los.

O FMI fala da necessidade de 3 trilhões de dólares para o sistema financeiro se recuperar. No Brasil o Governo Lula já passou 4 bilhões de reais para as montadoras. Nos EUA o Congresso nacional já aprovou 700 bilhões de dólares e agora estão socorrendo em US\$ 25 bilhões às montadoras como General Motors, a Ford e a Chrysler, dizem eles: a falência de uma destas montadoras significaria a falência dos EUA.

Segunda a Organização Internacional do Trabalho (OIT) o desemprego saltará dos atuais 190 milhões para 210 milhões até fins de 2009. O número de "trabalhadores pobres", com renda inferior a dois dólares por dia, crescerá em 140 milhões de pessoas.

Este material visa a denuncia e a organização dos trabalhadores frente a barbárie que nos é imposta, pois a crise deste sistema é jogada para cima dos trabalhadores, nós que

arcaremos com o desemprego e aumento da miséria. Aos burgueses está reservado o dinheiro público obtido pelos impostos cobrados do suor dos trabalhadores.

Estamos conclamando aos oprimidos em geral a nos levantarmos contra esta situação, a nos organizar. Parece contraditório, mas enquanto os trabalhadores não se organizarem ao nível internacional e não forem capazes de construir um potente partido revolucionário, não para eleger os miseráveis dos candidatos, mas sim, para a organização da revolução proletária. Organizar a revolução proletária para acabar com a propriedade privada das fabricas, das terras. Organizar a revolução proletária para que o trabalho coletivo dos trabalhadores seja repartido para toda a população, que o desenvolvimento tecnológico das maquinas e em geral seja usado para beneficiar a humanidade e não mais aos burgueses e como forma de obter lucro.

Estamos distribuindo este material para mostrar aos trabalhadores que a solução da permanente crise capitalista está em nossas mãos.

Proletários Marxistas

## **A Sociologia da Ação e a Ideologia Dominante**

Como já dizia Marx, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. Na fase atual do capitalismo, se quisermos combater a idéia predominante para buscar uma nova relação de produção do homem que seja voltada para ele mesmo, devemos entender muito bem quais as bases teóricas por traz das ações do mais forte país imperialista, os EUA.

Por se tratar de um tema muito amplo, este texto tem como objetivo apenas apontar as origens do pensamento norte-americano, com o propósito de, conforme o tempo, aprofundarmos a questão e desmontarmos ponto a ponto, com fundamentação teórica, a ideologia dominante do capital contemporâneo.

O primeiro ponto a ser constatado é que no EUA não existe o problema de reforma agrária no séc. XX, devido à forma como foi feita a ocupação de suas terras. Sua colonização foi feita com uma ocupação planejada do espaço, realizada por povos protestantes expulsos da Inglaterra, descendentes do puritanismo e anglicanismo, com uma forte fé e um sentimento de predestinação divina, que avançaram do Leste para o Oeste dizimando as populações indígenas e construindo suas cidades.

Estes povos conhecidos como Quaquers (qualquer relação com o nome da Farinha Láctea não é por acaso) seguiam em caravanas para o Oeste, enfrentando os Índios Apaches, até encontrar lugares onde paravam e construíam suas cidades, com igrejas, bancos, delegacias e pedaços de terras para cada membro da caravana construir sua casa e produzir seus produtos. Desta cidade, posteriormente partiriam novas caravanas que, ao bom estilo “velho oeste”, seguiriam adiante (para o oeste) conquistando novas terras e construindo novas cidades, ou, se preferirem, novas bases para os Quaquers. Isto tudo, com muito sangue dos índios nativos, que lutavam muito antes de se entregar.

Esta ocupação do espaço do oeste foi a causa da Guerra civil Norte Americana, marcada pela vitória do norte (defensores do trabalho livre assalariado, de uma política protecionista e de uma produção para o mercado interno), sobre o sul (defensor do trabalho escravo, da monocultura e mantenedor de relações amigáveis com a Inglaterra). Ou seja,

estende-se para o país a imposição das bases desenvolvimentistas do capitalismo industrial defendida pelo norte, com a criação das devidas estruturas.

Com estes elementos não é de se espantar que o desenvolvimento da indústria nos EUA se dá de forma altamente acelerada. Já na passagem do séc. XIX para o XX a produção industrial norte-americana é consideravelmente maior que a da Inglaterra.

Neste cenário e nesta época um novo fator se coloca preponderante: começa um grande surto de imigrações de diversos países europeus e asiáticos para servir de mão de obra ao maior país industrial do mundo. E é aí que surge a “sociologia da ação”, fundamento das teorias sociais dos escritores norte-americanos contemporâneos.

As cidades industriais dos EUA (ex.: Chicago e Nova York) passaram por crescimentos populacionais gigantescos no fim do século XIX e começo do século XX, com a chegada de imigrantes europeus e asiáticos que saíram desesperados de seus países pela condição miserável que viviam, carregando sonhos de se realizarem no mundo novo da América. Em 1900 mais da metade da população de Chicago havia nascido fora da América.

Agora, imaginem cidades com dezenas de povos diferentes – Poloneses, Irlandeses, Alemães, Italianos, Japoneses, etc - cada um com sua língua, sua religião, seus costumes, sua forma de alimentação, etc. Todos trabalhando na grande indústria (a maioria era camponês em seus países de origem), com necessidades de educação, transporte, alimentação, moradia, serviços funerários, religião, entre outros. É o surto do crescimento acelerado do urbano, um caos que precisa ser amenizado e planejado para garantir o bom funcionamento da sociedade e da grande indústria.

Desenvolve-se então uma nova ciência, a sociologia urbana, *sociologia da ação*. Que tem como característica a produção do conhecimento para a resolução dos problemas sociais, através da pesquisa empírica e de métodos de investigação qualitativos. A função destes sociólogos é reconstruir a cidade, harmonizar os problemas sociais, agir diretamente na sociedade e não “perder tempo com produções teóricas de poltrona”.

O berço desta sociologia foi na Escola de Chicago, inclusive fomentada pelo então presidente dos EUA por conta da necessidade deste tipo de trabalho.

O que temos, então, é uma ciência que nasce na expansão industrial da nação mais promissora do capitalismo, com o objetivo de estruturar a sociedade para alavancar cada vez mais o desenvolvimento produtivo. Nunca passaria pela cabeça destes teóricos da sociologia urbana discutir outras perspectivas de mundo mais humano ou a ontologia do ser. Eles estão em nome do progresso!

Um dos grandes fatores presente nesta linha de pensamento, que nos assombra hoje com grande força é o culturalismo. Este culturalismo é presente na sociologia da ação por conta da influência geral que se acreditava ter a cultura das diferentes comunidades imigrantes. Não que a cultura de cada povo não tenha representação, mas estes teóricos fazem uma inversão, onde afirmam que a cultura é o fator determinante para a condição geral dos indivíduos, enquanto, na verdade, ela é um produto das condições de produção da vida de cada grupo social.

Este traço culturalista é predominante na maioria das teorias sociais atuais. Ele aponta como eixo principal dos problemas sociais a falta de identidade dos indivíduos. Remetendo toda e qualquer luta social a busca pelo reconhecimento, que está remetida à afirmação da moral de um indivíduo ou de um determinado grupo.

É sobre esta perspectiva que os diversos conflitos sociais são explicados hoje. Pela necessidade de um grupo de afirmar a sua moral diante da sociedade, de buscar pela consagração da auto-confiança, do auto-respeito e da auto-estima. A fome, o conflito por terras, a falta de moradia e a super-exploração do trabalho humano não são problemas considerados

determinantes para uma insurreição de um grupo social; o que se leva em conta é apenas a busca por questões intersubjetivas da integridade pessoal. Agora, se falarmos em contraposição de classe social para tais teóricos é como falar em grego. Não se sabe o que é.

Dessa forma, apontamos superficialmente alguns fatores determinantes para se entender o modo de pensar hoje dominante, ficando a necessidade de aprofundamento no assunto, para combater, sobre a perspectiva do trabalhador, a ideologia hoje introduzida na cabeça dos indivíduos.

Maurício Ferreira Cavallieri

## **Associação Oeste – Um Balanço Anual das Atividades**

A Associação Oeste encerra mais um ano de luta. Nosso trabalho está ligado à luta pelas reivindicações imediatas, à dor de barriga do dia-a-dia.

Esta Associação, fundada em fins dos anos 70, existe para defender os interesses da classe trabalhadora, para lutar por moradia, mas também priorizando, sobretudo, a formação política.

Constatamos, neste período, como o capitalismo interfere na vida diária de cada família trabalhadora, dificultando cada vez mais o acesso à moradia, à saúde e à educação de qualidade para todos.

Na cidade de Diadema, verificamos que o déficit habitacional continua altíssimo e, juntando com a carestia de vida, são poucos os que conseguem sair definitivamente do carrasco do aluguel. Este ano, por exemplo, temos o plano diretor do município que privilegia as construtoras, em detrimento da população de baixa renda, que fica a mercê de seus desmandos. Durante o ano todo, vimos às famílias procurarem as associações para formar grupos na intenção de resolver o problema da moradia.

Nós da Associação Oeste, continuamos na luta pela aprovação dos loteamentos mais antigos, os quais atualmente se encontram no setor de regularização fundiária\*. Reiteramos que vamos continuar o calendário de reuniões e será dada seqüência às regularizações. Como atestamos nesses anos, cada empreendimento tem todo um histórico de luta, e vencer as barreiras da burocracia para aprovação é um verdadeiro martírio. Portanto, o processo de aprovação e regularização requer muita luta e determinação. Vivemos hoje uma realidade onde não se consegue aprovar nenhum loteamento antes de 4 anos. Os mesmos governantes, que não conseguem resolver a problemática da moradia, nada fazem para facilitar, nem mesmo criar mecanismos como propor alterações de leis, para ajudar nas aprovações.

Em virtude disso tudo se contata que os problemas essenciais da classe trabalhadora só serão resolvidos quando estes se organizarem e agirem coletivamente e acima de tudo pautados na consciência de classe sob a perspectiva proletária.

Não obstante a problemática da moradia em seu sentido geral só será resolvida com o fim da propriedade privada dos meios de produção, ou seja, com o fim da ditadura da minoria.

Tais problemas remontam desde as construções das primeiras cidades, o desenvolvimento do comércio e da Indústria. Com a ascensão do capitalismo se acentuou tal

problemática, aumentando a contradição campo cidade. Como vemos, a problemática da moradia só será resolvida com a revolução social, com a coletivização dos meios de produção, a planificação da economia. **A revolução social transformará a base material da sociedade, transformando assim, a propriedade privada dos meios de produção em propriedade coletiva. Harmonizará as relações de produção, remetendo à produção coletiva a uma também apropriação coletiva.**

### **Prestação de contas**

\*Fazem parte dos grupos mais antigos as famílias do *Parque Real 1 e 2*, *Jose Bonifácio 1 e 2*, *Santa 1*, *Júpiter* e *Conceição 1,2,3 e 4*. A Os loteamentos *Antonio Piranga* e *Canhema 1* estão em fase de registro e escrituração, atendendo “Comunique-se” do Cartório do Registro de Imóvel. O loteamento do Jd. *Rosinha* continua com as aprovações por quadras, sendo que diversos terrenos já possuem escritura individual. O empreendimento social *Caramuru*, depois de anos de luta para aprovação e regularização com os perseguidores e burocracias, está finalmente liberando os lotes para as famílias construírem suas casas, embora estejamos em luta para preservação e manutenção da Área Verde, cumprindo as exigências do meio ambiente, para assim podermos pegar o Certificado de Conclusão de Obras para registro do loteamento e desmembramento de escritura.

O *Parque Milênio*, em São Bernardo, está enfrentando problemas com a drenagem e a terraplanagem, mas a Associação está reunindo técnicos para fazer levantamentos e viabilizar o prosseguimento das aprovações. O loteamento do Centro está esperando a vistoria do meio ambiente para que obtenhamos o Certificado de Conclusão de Obra. O empreendimento do *Inamar* está todo concluído nas aprovações e liberando a escrituração para os associados que já quitaram seus lotes, muito embora isso esteja sendo feito de forma gradual, pois ainda estamos pagando os resíduos da terra (IGPM, multas e correções advindas de inadimplência). A terra *Nossa Senhora das Graças* já está com Certidão de Diretrizes e aguardando o documento da canalização do córrego por parte da prefeitura, para que possamos protocolar no Graprohab. O *Canhema 2* está aguardando o proprietário da terra resolver pendências no Cartório de Registro de Imóveis no que diz respeito ao desmembramento dos prédios, para darmos prosseguimento na análise do projeto de loteamento.

## **Declaração:**

Tem toda razão a FLT em colocar na ordem do dia um Espaço de discussão (Tribunal Moral) para verificar e de nossa parte rechaçar posições pequenas burguesas em relação as divergências políticas.

Tal comportamento dos membros do PSTU em relação aos Camaradas da FT em um primeiro momento de agressão física e em um segundo de calunia e ameaças físicas são próprio de organizações pequenas burguesas que convivem o seu dia dia com a democracia formal e com os círculos de amigos, são próprios dos partidos e agrupamentos que se conformam no programa e métodos das Frentes Populares.

Não se pode deixar passar despercebido tal comportamento, pois os desdobramentos destes atos se deslancham em gangsterismo e uma vez em ascensão deste partido no poder, em repressão de Estado mesmo.

Não se pode deixar passar despercebida vez que, a calunia contra o Camarada Baltazar de degeneração política é inconcebível como elemento de defesa por parte do PSTU da acusação concreta de agressão física.

São Paulo, 17 de novembro de 2009.

Organização pela Construção do POM.

## CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

→ Plenária sobre o livro DEFESA DO MARXISMO, de L. Trotsky.

**Dia: 31 de janeiro de 2009**

→ Plenária sobre Vygotsky (Educação)

(Obra: A formação social da mente). Também iremos aprofundar o estudo dos complexos (Método dos Complexos, levantados por Pistrak)

**Dia: 15 de fevereiro de 2009**

→ PRÉ-CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DOS TROTSKISTAS  
PRINCIPISTAS E ORGANIZAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS – Contate com  
os distribuidores de O Proletário.

**Dias 21 e 22 de fevereiro de 2009**

→ Plenária sobre o livro **TÉCNICA, ESPAÇO E TEMPO**, de Milton Santos

**Dia: 15 de março de 2009, das 9h às 17h.**